

## OLHARES DOCENTES SOBRE A FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS 1970-1980

*TEACHERS' VIEWS ON PHYSICAL EDUCATION TRAINING IN THE 1970S-1980S* 

*MIRADAS DOCENTES SOBRE LA FORMACIÓN EN EDUCACIÓN FÍSICA EN LOS AÑOS 1970-1980* 

 <https://doi.org/10.22456/1982-8918.136530>

 **Guilherme Gonçalves Baptista\*** <guilhermebaptista@eefd.ufrj.br>

 **Gustavo da Motta Silva\*** <gustavomotta1990@hotmail.com>

 **Sílvia Maria Agatti Lüdorf\*** <sagatti.rlk@terra.com.br>

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**Resumo:** Este estudo buscou compreender o impacto das tensões na Educação Física durante as décadas de 1970 e 1980 na percepção dos docentes da Escola de Educação Física e Desportos (Eefd) da Universidade Federal do Rio de Janeiro em relação à finalidade e às concepções em disputa na área. Através da análise de documentos e fontes orais, os resultados revelam que, embora houvesse indícios de uma formação predominantemente focada em aspectos motores, esportivos e de aptidão física na Eefd, havia diferentes representações concorrentes da identidade docente na instituição.

**Palavras-chave:** Educação Física. Formação de professores. História da Educação. Saberes profissionais.

Recebido em: 1 nov. 2023  
Aprovado em: 11 jul. 2024  
Publicado em: 30 out. 2024



Este é um artigo publicado sob a licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

## 1 INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

A formação de professor no Ensino Superior é uma etapa profícua para analisar a diversidade de teorias, práticas e interesses, visto que permite o contato do estudante com distintas discussões e experiências afeitas a sua área. Nesse contexto, a universidade representa um campo fértil para o debate e a construção de novas perspectivas sobre a educação e o Ensino Superior (Raupp, 2022).

Sobre a formação em Educação Física, foco deste trabalho, é reconhecido na historiografia que a capacidade física dos sujeitos foi amplamente valorizada durante o século XX (Carmo Junior, 2011). Todavia, esse paradigma sofreu críticas nos anos 1970 e, mais intensamente, na década de 1980, à medida que a área incorporava os debates sobre as dimensões cultural, histórica e social das manifestações corporais (Alvin; Tabora de Oliveira, 2006).

Desse modo, o processo de formação de professores é um ambiente instigante para explorar as tensões na área. Aliás, durante as décadas de 1970 e 1980, o crescente debate epistemológico na Educação Física questionava os objetivos e funções da área, tradicionalmente associados mais a um caráter técnico-instrumental do que crítico-formativo (Oliveira, 1994). Medina (1990) afirmava, inclusive, que era necessária uma crise na área para “procurar sua identidade” (p. 35).

Neste estudo, optou-se por analisar a formação de professores na Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A EEFD sucedeu a pioneira Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, que teve um papel fundamental no desenvolvimento da Educação Física no país (Melo, 1996).

Apesar dos indícios de uma formação predominantemente pautada em aspectos motores, esportivos e de aptidão física na EEFD, havia um processo de reformulação curricular em curso durante os anos 1970 e 1980 (Baptista, 2017). Esses anos indicam possíveis mudanças na área que poderiam ter impacto na formação de professores. Portanto, é crucial analisar esse processo formativo para compreender as implicações de diferentes concepções de Educação Física.

Esses questionamentos, mesmo em um contexto específico, podem subsidiar análises sobre as tensões na área e no campo educacional, especialmente durante um período em que grupos de intelectuais/professores lutavam contra o que consideravam uma hegemonia militarista, higienista e esportivizante na Educação Física (Bracht, 1999).

Logo, este artigo buscou compreender o impacto das tensões na Educação Física durante as décadas de 1970 e 1980 na percepção dos docentes da Escola de Educação Física e Desportos (EEFD), atuantes nesse período, em relação à finalidade e às concepções em disputa na área.

<sup>1</sup> O artigo submetido é um desdobramento do seguinte trabalho: BAPTISTA, Guilherme Gonçalves. **A formação de professores na Escola de Educação Física e Desportos de 1979 a 1985: a educação do corpo e os territórios de diálogo.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Escola de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

## 2 MÉTODOS

Este trabalho adotou a combinação da história oral com a análise de fontes documentais como abordagem metodológica. A primeira consiste em entrevistas com indivíduos que participaram ou testemunharam eventos ou contextos passados (Alberti, 2011), contribuindo para analisar a complexidade de outros presentes e a imprevisibilidade das circunstâncias sociais em que os sujeitos atuavam (Silva; Lemos, 2013). Ressalta-se a fala de Portelli (1996): lembrar e contar já envolve um exercício de interpretação.

Quanto às fontes orais, foram obtidos depoimentos de cinco docentes da EEFD no período analisado (Quadro 1), utilizando um roteiro semiestruturado. Apesar de haver uma direção, os depoentes tiveram liberdade para abordar diferentes temáticas (Gaskell, 2003). Os critérios de seleção dos entrevistados foram: a) disponibilidade para participar da pesquisa; b) diversidade de perfis profissionais e experiência em diferentes posições na EEFD; c) representatividade nos colegiados<sup>2</sup>. Os depoentes são referidos aqui como P1, P2, P3, P4 e P5, onde “P” significa ‘professor’.

**Quadro 1** – Características dos professores entrevistados

Entrevistado	Sexo	Departamento	Ano de admissão <sup>3</sup>
P1 <sup>4,5</sup>	Feminino	Corridas	1979
P2 <sup>6</sup>	Masculino	Jogos	1970
P3 <sup>7</sup>	Masculino	Ginástica e Acrobacia	1970
P4 <sup>8</sup>	Feminino	Corridas	1946
P5 <sup>9</sup>	Masculino	Corridas	1977

Fonte: Produzido pelos autores (2023).

A EEFD tinha cinco departamentos à época: Jogos, Lutas, Ginástica e Acrobacia, Corridas e Arte Corporal<sup>10</sup>. Contudo, houve limitações para a localização de professores de diversos departamentos devido a aposentadorias, dificuldades de contato ou impossibilidade de saber seu paradeiro, além do falecimento de alguns professores em virtude do distanciamento temporal do período investigado.

No que se referem às fontes documentais, foram analisados mais de duzentos documentos do período, tais como: Regimento da EEFD/UFRJ (UFRJ, 1972), Atas (de Congregação e de Conselho Departamental) e ofícios circulares

2 Os entrevistados possuíam diferentes papéis no período analisado, que se expressam no fato de que uns participaram de comissões de concurso e eventos, alguns ocuparam cargos de chefia e eram presença frequentes em reuniões de colegiados e outros tiveram participação descontínua nessas reuniões. Os dados foram obtidos pela leitura das atas de Congregação e Conselho Departamental.

3 Refere-se ao ano de ingresso do sujeito como docente da EEFD UFRJ.

4 Tanto P1 quanto P5 também forneceram relatos de suas passagens como alunos da EEFD, ambos na década de 1970.

5 P1. Entrevista com a autora em 1 de dezembro de 2011.

6 P2. Entrevista com o autor em 7 de fevereiro de 2012.

7 P3. Entrevista com o autor em 13 de dezembro de 2010.

8 P4. Entrevista com a autora em 13 de fevereiro de 2012.

9 P5. Entrevista com o autor em 22 de novembro de 2012.

10 No final dos anos 1980, o Departamento de Biociências em Atividade Física foi criado (UFRJ, 14/09/1987b).

acerca da instituição<sup>11</sup>. O cotejamento com os documentos foi fundamental para auxiliar na produção dos eixos de análise a partir do inter cruzamento entre fontes orais e escritas, possibilitando colocá-las em seus próprios contextos de produção e circulação (Lopes; Galvão, 2001)<sup>12</sup>.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

#### 3.1 O PAPEL DA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E A FORMAÇÃO NO PAPEL

Quanto à relação dos professores com o curso de Educação Física na EEFD, variadas representações e tendências pedagógicas foram percebidas em torno da área. Por um lado, emergiu a noção de Educação Física associada a um caráter utilitário, com vistas à promoção da saúde, embora o conceito de saúde não tenha sido, a princípio, alvo de problematização:

Um aluno meu de Educação Física Desportiva<sup>13</sup> me disse: “Professora, a senhora sabia que eu trabalho até altas horas?” e eu respondi: “Não, estou sabendo agora que você está me dizendo”. Ele falou: “Porque eu não tenho tempo para fazer Educação Física Desportiva”. Eu perguntei: “Mas como não tem tempo? Tem “n” horários compatíveis com os horários de trabalho de cada pessoa e isso vai ser bom para você, para ter energia em tudo que você vai trabalhar. Eu não vou te dispensar”. (P4, p. 24).

[...] A Educação Física, ela não deixa de ser nada inter-relacionada [...]. Agora mesmo eu tomei um táxi para vir pra cá e eu estava batendo um papo com o motorista da importância do motorista de táxi fazer a Educação Física, porque ele fica ali sentado o tempo todo, e fazer uma caminhada, não precisa ser atleta, mas uma caminhada três vezes por semana, fazer um alongamento. (P2, p. 3).

Todavia, pontua-se que o discurso pedagógico não estava ausente. A preocupação pedagógica era recorrentemente evocada no depoimento dos professores, principalmente para descrever suas práticas. P4 e P2 evidenciam essas preocupações em suas concepções:

[...] um aluno que sabe nadar, veja bem, eu tive diversos nadadores, grandes nadadores que chegavam e diziam: “A senhora vai me dispensar, porque eu já nado e sou campeão de natação”. E eu falava: “você é campeão de natação, mas a sua função não é de campeão, é de ensinar” (P4, p. 20).

Acho que a Educação Física tem que ser essencialmente prática, com conteúdos logicamente, pedagógicos, psicológicos. [...] ninguém precisa ser atleta de voleibol para ser um bom professor de Voleibol, mas ele precisa passar por uma quadra de voleibol, ele precisa fazer os fundamentos, ele precisa fazer a tática, nem que seja segurando a bola. Como é que você vai armar uma equipe, não é?! (P2, p. 2-3).

As percepções dos docentes nos trechos acima mostram algumas similaridades, especialmente em relação ao conflito sobre a melhor maneira de ensinar o conteúdo

11 Os documentos foram consultados no Centro de Memória Inezil Penna Marinho (CeMe), localizado na EEFD.

12 Foi seguido os preceitos éticos para pesquisas com seres humanos, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (IESC/UFRJ).

13 O Decreto-Lei n.705/69 tornou obrigatória a Educação Física Desportiva em todos os cursos superiores, de 1969 a 1990 (Brasil, 1969).

da área. É importante detalhar que, em diversas vezes, a noção de saber ensinar se confundia com a habilidade de saber fazer ou mesmo compreender formas de aperfeiçoar o saber fazer (diferentes táticas, posicionamentos etc.) nesse período, sobretudo pela valorização do modelo diretivo de ensino. Esse estilo de ensino, baseado no comando e na demonstração do movimento, está ligado à ideia de que se um professor sabe executar o movimento, também saberá ensiná-lo (Faria Junior, 1982).

A professora P4, questionada sobre as turmas e as disciplinas que ministrou, ilustra o caráter desse modelo de ensino ao afirmar: “eu trabalhei em tudo que tinha certa habilidade e tinha uma predisposição em ajudar os meus colegas” (p. 17). P2 também destaca esse modelo ao elogiar certos professores da instituição naquela época, descrevendo-os como tendo um “sentido pedagógico nato”, associado à alegria em lecionar sua disciplina e à capacidade de executar o movimento a ser ensinado:

Os professores eram essencialmente práticos, mas com um sentido pedagógico nato. Era uma coisa que saía de dentro, porque era uma coisa que eles faziam com prazer. Tinha o professor [...] de Atletismo, notável ver o prazer de ele estar com quase setenta anos em uma pista de atletismo, de estar correndo, saltando. (P2, p. 2)

O saber fazer era visto por certos docentes como uma qualidade pedagógica importante para ser um bom professor de Educação Física, especialmente nas disciplinas tratadas como práticas no currículo, notadamente as desportivas. Esse caráter prático, tanto como método de ensino e avaliação, quanto na escolha da área, foi identificado em vários estudos que abordaram o processo de formação de professores de Educação Física no Brasil, em diferentes períodos, exemplarmente: a) antes das décadas de 1970 e 1980 (Bombassaro; Vaz, 2009; Bruschi *et al.*, 2017); b) durante os anos 1970 e 1980 (Baptista; Baptista, 2017; 2019; Silva, 2013; Pinto, 2014); e c) após esse período (Figueiredo, 2004; Paula *et al.*, 2018).

Embora haja semelhanças com os discursos relacionados à promoção da saúde através do exercício físico, P3 se diferencia ao apresentar o aspecto educacional e de formação cidadã como elementos importantes da Educação Física, especialmente ao valorizar o papel do esporte nesse cenário:

[...] Exercícios (ginásticos) formativos, tá dando todas as condições de uma melhor qualidade de vida para ele, para o jovem e para criança. E ensinando também, dando a ele também uma iniciação no desporto através desse trabalho ginástico e mais ligado ao jogo [...] eu penso que a Escola tem um fator preponderante de importância na formação dos jovens, porque a Educação Física vem para complementar a formação desses jovens em seu sentido mais amplo da palavra, ser um cidadão. E isso a gente não pode perder de vista. (P3, p. 4 - 5).

Ressalta-se que a “formação cidadã” estava amplamente associada ao fenômeno esportivo no período analisado, especialmente ao reconhecer o esporte como um instrumento educacional. Aliás, a Educação Física brasileira estava imersa em um debate mais amplo sobre os valores morais da sociedade nesse momento, marcado pelo sincretismo entre controle/liberdade e “humanismo/tecnicismo”, sendo o esporte visto como um elemento capaz de simbolizar o mundo da competição, de

liberdade, de lutadores e vencedores, embora outras influências e representações em torno do uso do esporte também coexistissem na área (Taborda de Oliveira, 2004).

Apesar da visão da Educação Física como promotora de saúde e da valorização do paradigma esportivo com intuito pedagógico, esses não foram os únicos focos nos discursos dos entrevistados. Diferentes aspectos foram citados em relação às preocupações docentes, revelando a diversidade de representações sobre o ensinar entre os professores da instituição.

Uma das representações se associa à preocupação com os saberes pedagógicos na formação de docentes na EEFD, distanciando-se aparentemente do modelo de ensino da diretividade. Essa apreensão não é algo novo, mas foi mencionada pela primeira vez como um problema na formação pelos entrevistados:

Acho que aqui (*campus* da Ilha do Fundão) não tinha essa conversa de formação, a formação começava a se pensar na Praia Vermelha<sup>14</sup> e lá pensava, mas totalmente desvinculado daqui. [...] as pessoas não entendiam muito bem a importância daquelas disciplinas para a formação deles, porque parecia uma coisa diferente [...] naquela época, as pessoas tinham uma identificação muito grande com esse trabalho físico, com o trabalho corporal, os alunos gostavam. Era assim: aula teórica era chata, no princípio aula prática era sempre boa, mas só tem um problema ali. A gente participava como se aquela disciplina fosse pra gente e não para nossa formação enquanto futuros professores. (P1, p. 9-10).

Apesar de não estabelecer uma visão crítica inicial sobre a Educação Física, P1 problematiza a formação de professores na EEFD no que tange aos aspectos pedagógicos. A preocupação com a parte pedagógica não era exclusiva da professora P1, mas uma questão presente de maneira mais incisiva nos debates curriculares na EEFD no final da década de 1970 e início dos anos 1980 (Baptista, 2017).

Não à toa, o processo de reformulação curricular subsequente resultou na valorização das matérias pedagógicas, com a inclusão de três disciplinas pedagógicas ligadas somente à Didática no currículo (UFRJ, 1983)<sup>15</sup>. Aliás, o discurso do chefe do Departamento de Jogos à época, Célio Cidade, em reunião do Conselho Departamental, enfatiza essa preocupação por parte tanto de alunos quanto de professores:

A seguir o Professor Célio Cidade explicou que face ao interesse demonstrado por um grupo de alunos em conseguir uma complementação pedagógica na área afeta ao Departamento de Jogos, estava providenciando para que esses cursos de complementação pudessem ser oferecidos no corrente exercício. Havia, inclusive, consultado alguns professores que concordaram em ministrar as aulas necessárias. (UFRJ, 23/03/1976).

Ao analisar o trecho anterior do depoimento de P1, fica evidente que a preocupação com a formação pedagógica estava ligada diretamente à legitimação da ação do professor. As narrativas dos docentes em conjunto demonstram que diferentes modelos de ensino atrelados ao professor de Educação Física estavam em disputa e coexistiam na instituição nesse período. Certo grupo de docentes defendia

14 O *campus* da Faculdade de Educação da UFRJ concentrava as disciplinas vistas como pedagógicas.

15 Para mais informações sobre o processo de reformulação curricular na EEFD em 1970 e 1980 ler Baptista (2017).

a necessidade de saberes específicos que permitissem uma ação pedagógica mais alinhada às demandas e objetivos da área, que também estavam em disputa nesse período.

Não foi sem razão que P1 mencionou a ausência de ações para o trato com crianças menores como uma lacuna de sua formação. Isso expressava a demanda por uma formação mais pedagógica que legitimasse a ação docente no campo educacional. Afinal, eram justamente as disputas em torno do ofício do professor de Educação Física que figuravam como pano de fundo:

Então, assim, enquanto aluna, eu achei bastante deficiente a nossa formação. Não se falava em criança. Nós tínhamos os professores que abordavam a formação do futuro professor, era sempre aluno de uma faixa etária maior, tipo ginásio. De uns 11, 12 anos para cima. Eu particularmente sempre tive um olhar de muito interesse para criança. Isso, aqui, eu não encontrei nada que me desse algum tipo de suporte. (P1, p. 5).

Aliás, a Psicomotricidade ganha espaço no campo da Educação Física, principalmente no que diz respeito às crianças pequenas, nessa época. Suas contribuições reorientaram as discussões teóricas da área, destacando-se a influência de Le Boulch nos materiais governamentais direcionados à área naquela época (Silva; Andrieu; Nóbrega, 2018)<sup>16</sup>. Na EEFD, isso fica evidente com o pedido de alunos por um curso de “Educação Física e psicomotricidade para excepcionais” (UFRJ, 11/12/1980).

Destaca-se que P1 foi aluna nos primeiros anos da década de 1970 e se tornou professora da instituição no final da mesma década. Portanto, percebe-se que a preocupação pedagógica foi uma das questões que a inquietaram ao ingressar no corpo docente:

Assim que eu entrei para Natação, eu tive a preocupação de mudar o programa junto com os colegas de Departamento. Muitos colegas de Departamento pensavam da mesma maneira que eu. Nós introduzimos, ainda não na disciplina obrigatória, que pela estrutura curricular isso não era possível, mas nós conseguimos introduzir, pelo menos, naquela disciplina que era só salvamento, a gente conseguiu dividir a carga horária, que era 60 horas, em 30 horas para parte pedagógica e 30 horas para salvamento. E foi, então, só a partir de 1980 que, de fato, isso passou a existir, pelo menos na disciplina de Natação (P1, p. 5).

Provavelmente, alguns professores recém-formados foram influenciados por angústias e representações durante sua formação inicial, considerando-as importantes e/ou deficientes, enquanto outros professores mais antigos talvez não compartilhassem tais preocupações. No caso de P1, apesar das resistências e disputas sobre o modelo de ensino, a professora buscou introduzir uma parte dedicada somente aos saberes pedagógicos na disciplina de Natação II<sup>17</sup>. Deste modo, sua experiência durante o processo de formação docente foi incorporada em

16 A Psicomotricidade configurou-se, por exemplo, como eixo norteador das Diretrizes de Implantação e Implementação da Educação Física na Educação Pré-Escolar e no Ensino de Primeira a Quarta Séries do Primeiro Grau, elaboradas pela Secretaria de Educação Física e Desportos / Ministério da Educação e Cultura (Brasil, 1982).

17 A Natação era dividida entre Natação I e II, ambas com um enfoque prático. Apesar do relato da inserção teórica na Natação II, essa disciplina não era obrigatória (UFRJ, 1972).

sua prática e impactou diretamente no processo educacional, influenciando métodos de ensino, seleção de conteúdos e mudanças curriculares.

P5 foi outro professor que discordou de algumas escolhas ao longo de sua formação docente naquele período, notadamente na disciplina que ministraria a partir de 1977, a Natação I. Para ele, havia uma cobrança exacerbada da técnica para todos os alunos:

O curso de Natação I era muito parecido com o que é hoje a disciplina Prática da Natação. Porque nosso Departamento tem uma ideologia em relação a essa questão... os nossos professores, todos, com exceção de mim mesmo, acham que todos os alunos da Escola devem aprender a nadar, todos os alunos que entram aqui na Escola devem saber a nadar. Eu não concordo com essa linha. Eu acho que todos que quiserem trabalhar com natação devem aprender a nadar (P5, p. 12).

Embora se opusesse à cobrança para todos, P5 não discordou do conteúdo e objetivo daquela disciplina: a técnica dos quatro estilos de nados (Crawl, Costas, Peito e Borboleta). Seu desacordo referiu-se a quem essas técnicas seriam exigidas, sem uma crítica contundente à concepção de formação docente e ao modelo de ensino preconizado naquele instante. Ademais, o professor registrou que, apesar da divergência, seguiu os objetivos da disciplina.

### 3.2 A “ESSÊNCIA” DA EDUCAÇÃO FÍSICA...

Além dos diferentes pensamentos pedagógicos e debates em torno dos métodos de ensino na formação docente, as discussões sobre os saberes e práticas do professor de Educação Física também foram comentados pelos entrevistados. Alguns acreditavam que a Educação Física tinha uma natureza prática e, por isso, o aprendizado de algumas técnicas, com destaque para as desportivas, deveria predominar. Outros defendiam a necessidade de buscar uma legitimidade social a partir da incorporação de teorias de outros campos na formação.

No primeiro grupo, P2 afirmou que o curso de Educação Física foi perdendo sua essência à medida que a teoria passou a competir com a prática no currículo nesse período:

Acho que a Educação Física saiu um pouco da sua essência, ela se intelectualizou muito [...] Com essa intelectualização, a gente chegou a ter um professor de uma matéria essencialmente prática, e manda o aluno pesquisar, mas não dá a aula prática. [...] eu acho que a Educação Física, ela se teorizou muito. [...] Eu acho que as matérias não podem perder a sua essência, Atletismo é atletismo! Ginástica é ginástica! Voleibol é voleibol! Natação é natação! (P2, p. 2 e 4).

Já P3 reconhece a importância da prática, mas destaca a necessidade de buscar embasamento teórico na literatura, especialmente por meio de cursos de pós-graduação, para a Educação Física naquele período. Por outro lado, acredita que esse movimento acabou por “deixar de lado” a parte prática do curso, causando alguns prejuízos na formação:

[...] com o tempo, houve uma necessidade de buscar na teoria algumas informações. Foram com os cursos de mestrado, então, se formou muitos mestres e doutores. E, houve uma defasagem muito grande nisso aí,

porque essa parte prática ficou um pouco de lado e isso, realmente, para um professor da área prática, às vezes, era difícil. O cara não tinha uma formação, ele tinha dificuldade de dar uma aula, ele não tinha liderança, ele não tinha traquejo nisso. Mas agora eu acho que o curso está dentro de um momento de meio termo. De um tempo para cá já. Já melhorando isso aí. Porque houve a necessidade de querer romper aquele trabalho só da prática. Para os professores ogros, para poder trabalhar nesse sentido. (P3, p. 7).

A visão de que a teorização do curso causou prejuízos ou fez perder a essência da Educação Física demonstra, de certa maneira, uma falta de consenso em relação ao processo de ampliação de conhecimentos teóricos durante a reformulação curricular e, conseqüentemente, à formação profissional. Sob outra perspectiva, pode ser um sinal do impacto do processo de redemocratização do país e das discussões emergentes no campo educacional, especialmente nas Ciências Humanas e Sociais, dentro da EEFD. Um exemplo desse impacto pode ser observado em reunião de Congregação que se discutia a possibilidade de formação de turmas mistas na instituição:

A seguir foi concedida a palavra ao Professor Armando Alves de Oliveira, que apresentou um abaixo assinado de alunas, tendo em vista a negação do Departamento de Lutas que desejaram fazer a disciplina Handebol à tarde (turma masculina). O Professor acima citado quis saber se os Departamentos têm autonomia para estipular se as turmas podem ser mistas ou não. Depois de várias exposições a Congregação achou por bem, que o abaixo assinado fosse encaminhado ao Coordenador de Graduação desta Escola e posteriormente ao Departamento de Jogos para se pronunciar. (UFRJ, 12/03/1987a)

Ressalta-se que os principais questionamentos na década de 1970 e 1980 abordavam os valores e normas reproduzidos na área (Oliveira, 1994). Antes, a teorização na Educação Física era realizada predominantemente por intelectuais de outros campos, como médicos, militares, pedagogos e cientistas políticos. Foi justamente a partir dos anos 1960 e 1970 que houve um fortalecimento da comunidade científica da Educação Física (Góis Junior, 2006).

Quando perguntados sobre a valorização/relevância de disciplinas específicas no currículo, os professores apresentaram opiniões divergentes. Alguns mencionaram questões estruturais relacionadas à distribuição das disciplinas, enquanto outros apontaram disciplinas que consideravam mais impactantes durante o período. P4, por exemplo, destacou que a organização das disciplinas era papel dos departamentos:

[...] o currículo era feito de acordo com os departamentos [...] (que) verificavam ano após ano as alterações que eram feitas [...] A partir daí, a carga horária era em função do professor, o conteúdo da disciplina e o professor mais indicado para aquela disciplina, porque algum tempo depois é que começou o concurso setorizado, por disciplinas. Precisava fazer concurso para aquela disciplina (P4, p. 20-21).

Para P4, valorizava-se mais o docente do que a disciplina em si, evidenciando o espaço de autonomia dos professores. Já o professor P2 afirmou que não via hierarquia de relevância entre as disciplinas, considerando todas igualmente importantes: “Eu acho que não, nada é mais importante do que nada, tudo passa, você tem que cumprir bem a sua parte” (P2, p. 22).

Os demais professores apresentaram disciplinas que julgavam deter um maior *status* no currículo. P3 aponta que as disciplinas do grupo teórico-práticas eram, de certo modo, mais valorizadas:

Todas elas (as disciplinas) são importantes na formação dos jovens, do ser humano. [...] mas houve uma importância muito grande em um determinado momento, porque antigamente o curso era eminentemente prático. Mais prática do que teoria. A teoria era importante também, mas ela vinha como coadjuvante. (P3, p. 6-7).

P1 e P5 responderam prontamente as disciplinas que consideravam mais valorizadas nesse período:

[...] as disciplinas ligadas aos desportos, elas eram mais privilegiadas, o OSPB (Organização Social e Política do Brasil)<sup>18</sup> que passou a ser uma disciplina obrigatória também no Ensino Superior [...] mas muito desqualificada (OSPB), já dentro da Universidade uma disciplina desqualificada e eu acho que os professores buscavam dar outro enfoque. (P1, p. 9).

As disciplinas da área médica sempre tiveram uma carga horária razoável. Por exemplo, Anatomia tinha o que tem hoje, 120 horas. A gente tinha dois períodos de Anatomia, Fisiologia. [...] Eu acho que existia muita prática, como ainda existe. Quer dizer, eu acho que a gente é obrigado, por estar numa Escola de Educação Física, a fazer todos os esportes. Eu não sei se a formação do professor de Educação Física deveria ser por aí. (P5, p. 14).

Apesar das controvérsias em relação à teorização da área, há uma fundamentação teórica evidente na formação da EEFD: saberes biomédicos e técnico-esportivos, a despeito do segundo ocupar certa posição hierárquica em relação aos demais. Todavia, nas diversas esferas da EEFD, surgiam tensões entre concepções distintas, refletidas, por exemplo, na tentativa de determinados grupos de dissociar a imagem de técnico do professor de Educação Física.

Os entrevistados enfatizaram repetidamente que a função do curso era formar professores e não atletas. Essa distinção foi enfatizada com frequência, evidenciando o impacto dessa questão na percepção do processo de formação à época. P2 chega a diferenciar: “[...] treinador é diferente de professor, professor educa através da atividade física e treinador adentra, deveria educar, mas não é o que acontece” (p. 10).

Aliás, o desaparecimento da nomenclatura “Técnico Desportivo” do nome do curso em 1983, que passou a ser chamado apenas como Licenciatura em Educação Física (UFRJ, 12/12/1984), também reflete essas relações de poder. Contudo, essa complementação não foi totalmente eliminada na mudança curricular, mas passou a ser parte das disciplinas condicionadas<sup>19</sup>. Portanto, havia um descompasso frente à identidade profissional do professor de Educação Física e os discursos dos depoentes evidenciam essas tensões.

18 A disciplina OSPB foi um complemento e extensão da disciplina Educação Moral e Cívica nos estabelecimentos de ensino de 2º grau. No Ensino Superior, essa disciplina era chamada de Estudos dos Problemas Brasileiros.

19 Ver Currículo da EEFD/UFRJ (UFRJ, 1983). As disciplinas condicionadas eram, sobretudo, relacionadas às disciplinas desportivas obrigatórias e o aluno deveria escolher um conjunto pré-estabelecido de disciplinas para cursar.

Curiosamente, os entrevistados raramente mencionaram professores das Ciências Humanas e Sociais, exceto em algumas disciplinas identificadas como pedagógicas<sup>20</sup>, apesar de haver um número limitado dessas disciplinas no currículo<sup>21</sup>. Apenas a disciplina Estudos dos Problemas Brasileiros recebeu atenção de dois entrevistados, sobretudo por sua associação com os valores do regime ditatorial e ao fato de um deles tê-la ministrado.

Como mencionado no discurso de alguns professores, os saberes pedagógicos eram lembrados frequentemente, mas principalmente para ressaltar a falta de conexão com a prática profissional. Embora reconhecessem a importância da pedagogia, certos docentes apresentavam entendimentos próprios sobre os saberes pedagógicos ao descrever suas práticas.

No tocante à valorização de certos saberes na instituição, Silva (2013) questiona se os professores mais antigos reconheciam maior valorização das disciplinas biomédicas e das práticas-esportivas no curso. Alguns relatos sugerem que isso tenha sido naturalizado. Casualidade ou não, P1 e P5, que foram alunos nesse período, foram os únicos a mencionar prontamente o destaque desses saberes na EEFD.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto de transformações na Educação Física nas décadas de 1970 e 1980, a formação de professores era constantemente debatida frente às problematizações advindas com a consolidação de uma comunidade acadêmica específica da área e maior influência dos saberes das Ciências Humanas e Sociais. A função da Educação Física na EEFD era frequentemente relacionada à promoção da saúde, mas também se enfatizava a importância do aspecto pedagógico na formação e práticas docentes.

Todavia, a preocupação com os aspectos pedagógicos era plural: por vezes, representada como um dom do indivíduo e, por outro, como um saber a ser aprendido ao longo da formação e das práticas profissionais do professor de Educação Física. Essas interpretações expuseram a existência de diferentes representações associadas à identidade do professor, que estavam em concorrência. Essa disputa foi expressa no debate sobre a dicotomia entre teoria e prática. Embora se questionasse uma possível falta de teoria, esse debate refletia mais sobre as bases teóricas que fundamentariam a Educação Física do que a ausência de referências teóricas.

Logo, essas discussões evidenciam o contexto conturbado na Educação Física nos anos 1970 e 1980. Não à toa, proliferam-se novas abordagens para a

20 As disciplinas pedagógicas eram: Fundamentos Sociológicos da Educação; Estrutura e Funcionamento do Ensino do 1º Grau; Psicologia da Educação I; Didática da Educação Física I; Prática de Ensino I; Fundamentos Filosóficos da Educação; Estrutura e Funcionamento do Ensino do 2º Grau; Psicologia da Educação II; Didática da Educação Física II; Prática de Ensino II; Organização da Educação Física e Desportos; e Biometria Escolar (UFRJ, 1972).

21 Algumas disciplinas obrigatórias teóricas tratadas como pertencentes das Ciências Humanas e Sociais neste estudo foram: Estudos de Problemas Brasileiros I e II; Informação Gímico-Desportiva; Psicologia Geral. Havia também as disciplinas eletivas: Antropologia Cultural, Sociologia Geral e Psicologia Aplicada à Educação Física e aos Desportos (UFRJ, 1972).

área nesse período, retratando o conflito em torno do papel social e da identidade do professor de Educação Física.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *In*: PINSKY, Carla (org.). **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. p. 155-202.

ALVIN, Cássia; TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. Uma experiência de construção do currículo escolar para a Educação Física: das amarras da tradição à tentativa de reorientação. *In*: TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio (org). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006. p. 195-209.

BAPTISTA, Guilherme Gonçalves. A reformulação curricular na EEFD/UFRJ-UFRJ (1979-1985): notas sobre os impactos no perfil profissional. *In*: ANACLETO, Francis Natally; SILVA, Gustavo da Motta; SANTOS, José Henrique dos (org.). **Educação Física e interfaces com a história, o currículo e a formação profissional**. Curitiba: Editora CRV, 2017. v. 33, p. 83-110.

BAPTISTA, Guilherme Gonçalves; BAPTISTA, Juliana Gonçalves. As representações sobre o professor de Educação Física nos anos 1970 no Brasil: do desejo à insegurança profissional. **Educación Física y Ciencia**, v. 21, n. 4, e105, out./dez. 2019.

BAPTISTA, Guilherme Gonçalves; BAPTISTA, Juliana Gonçalves. Os testes de aptidão física na Educação Física: da justiça como equidade ao direito à educação. **Pensar a Prática**, v. 20, n. 1, p. 205-215, jan./mar. 2017.

BOMBASSARO, Ticiane; VAZ, Alexandre. Sobre a formação de professores para a disciplina Educação Física em Santa Catarina (1937-1945): ciência, controle e ludicidade na educação dos corpos. **Educar em Revista**, n. 33, p. 111-128, 2009.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n. 48, 1999.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 705**, de 25 de julho de 1969. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/1965-1988/De10705.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1965-1988/De10705.htm). Acesso em: 05 de maio de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Física e Desportos. **Diretrizes de implantação e implementação da Educação Física na educação pré-escolar e no ensino de primeira a quarta séries do primeiro grau**. Brasília, MEC/DDD. 1982.

BRUSCHI, Marcela *et al.* A formação docente na Escola de Educação Física do Espírito Santo: circulação de saberes e práticas na década de 1930. **Journal of Physical Education**, v. 28, e2802, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jpe/a/GTqyqRXwN9HnkqyKzmsCJL/?lang=pt>. Acesso em: 29 out. 2023.

CARMO JUNIOR, Wilson do. Educação Física e Cultura da Prática. **Motriz**, v. 17, n. 2, p. 361–371, 2011. DOI: <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2011v17n2p361>

FARIA JUNIOR, Alfredo. Reflexões sobre os estilos de ensino revelados por alunos-mestres durante as atividades de estágio supervisionado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 3, n. 3, p. 83-90, 1982. Disponível em: <http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/issue/viewIssue/34/42>. Acesso em: 29 out. 2023.

- FIGUEIREDO, Zenólia. Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber. **Movimento**, v. 10, n. 1, p. 89-111, 2004. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2827>
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (org.) **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 64-98.
- GÓIS JUNIOR, Edivaldo. Conhecimento positivista da educação física e esporte. In: DACOSTA, Lamartine (org.) **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONEF, 2006.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Fontes e História da Educação. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação: o que você precisa saber sobre....** Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 79 - 96
- MEDINA, João Paulo. **A Educação Física cuida do corpo... e "mente"**: bases para a renovação e transformação da educação física. 15. ed. Campinas: Papyrus Editora, 1990.
- MELO, Víctor. **Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história**. 1996. 199f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho. **Consenso e conflito da Educação Física brasileira**. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- PAULA, Sayonara *et al.* Avaliação da educação física na educação básica: diálogos com alunos de sete universidades federais. **Journal of Physical Education**, v. 29, e2957, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4025/jphyseduc.v29i1.2957>
- PINTO, Joelcio. Memórias de professores/as de Educação Física das décadas de 1950, 1960 e 1970: esportivizações da escola e escolarizações do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 36, n. 2, supl., p. S563-S576, 2014. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/viewFile/2153/1110>. Acesso em: 29 out. 2023.
- PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado na memória e nas fontes orais. **Tempo**, v.1, n. 2, p. 59-72, 1996. Disponível em: [https://www.historia.uff.br/tempo/artigos\\_dossie/artq2-3.pdf](https://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artq2-3.pdf). Acesso em: 29 out. 2023.
- RAUPP, Bárbara. Trabalho docente no ensino superior e desafios educacionais no mundo contemporâneo: uma reflexão com base no pensamento complexo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, p. e270043, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782022270043>
- SILVA, Christyan; ANDRIEU, Bernard; NÓBREGA, Terezinha. A psicocinética de Jean Le Boulch e o conhecimento do corpo na educação física. **Movimento**, v. 24, n. 3, p. 1041–1054, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.85386>
- SILVA, Gustavo da Motta. **A Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ no período do Governo militar (1968-1979): o curso de formação de professores e sua invenção**. 2013. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação/UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.
- SILVA, José Cláudio; LEMOS, Daniel. A história da Educação e os desafios de investigar outros presentes: algumas aproximações. In: FERREIRA, Marcia; XAVIER, Libânia; CARVALHO, Fábio (org.) **História do Currículo e História da Educação: interfaces e diálogos**. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, v. 1, 2013. p. 61-86.
- TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus Aurélio. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 2, p. 9-20, 2004. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/223>. Acesso em: 29 out. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Regimento Da EEFD/UFRJ**. Escola de Educação Física e Desportos. Gráfica Industrial da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1972.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. EEFD/UFRJ. **Ata de Congregação**. Arquivo do Centro de Memória Inezil Penna Marinho (EEFD/UFRJ), 12 de março de 1987a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. EEFD/UFRJ. **Ata de Congregação**. Arquivo do Centro de Memória Inezil Penna Marinho (EEFD/UFRJ), 14 de setembro de 1987b.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. EEFD/UFRJ. **Ata do Conselho Departamental**. Arquivo do Centro de Memória Inezil Penna Marinho (EEFD/UFRJ), 23 de março de 1976.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. EEFD/UFRJ. **Ata do Conselho Departamental**. Arquivo do Centro de Memória Inezil Penna Marinho (EEFD/UFRJ), 11 de dezembro de 1980.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **Currículo da EEFD/UFRJ**. Arquivo do Centro de Memória Inezil Penna Marinho (EEFD/UFRJ), 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. EEFD/UFRJ. **Ofício Circular**. Arquivo do Centro de Memória Inezil Penna Marinho (EEFD/UFRJ), 12 de dezembro de 1984.

**Abstract:** This study aimed at understanding the impact of tensions in Physical Education during the 1970s and 1980s on the perception of teachers at the Escola de Educação Física e Desportos / EEFD (School of Physical Education and Sports) of the Universidade Federal do Rio de Janeiro about the purpose and conceptions in dispute in the area. Through the analysis of documents and oral sources, the results reveal that, although there was evidence of an education predominantly focused on motor, sporting, and physical fitness aspects at the EEFD, there were different competing representations of teaching identity at the institution.

**Keywords:** Physical Education. Teacher training. History of Education. Professionals knowledge.

**Resumen:** El objetivo del artículo fue comprender el impacto de las tensiones en el campo de la Educación Física durante las décadas de 1970 y 1980 en la percepción de los docentes de la Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) de la Universidade Federal do Rio de Janeiro en relación con la finalidad y las concepciones en disputa en el área. A través del análisis de documentos y fuentes orales, los resultados sugieren que, a pesar de los indicios de una formación predominantemente orientada a aspectos motores, deportivos y de aptitud física en la EEFD, existían diferentes representaciones en competencia de la identidad docente en la institución.

**Palabras clave:** Educación Física. Formación de profesores. Historia de la Educación. Saberes profesionales.

## LICENÇA DE USO

Este é um artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja corretamente citado. Mais informações em: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

## CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declararam que não existe nenhum conflito de interesses neste trabalho

## CONTRIBUIÇÕES AUTORAIS

**Guilherme Gonçalves Baptista:** Idealização do trabalho, coleta e análise dos dados, aquisição do financiamento, redação da primeira versão do artigo.

**Gustavo da Motta Silva:** Coleta e análise dos dados, acompanhamento do trabalho, assessoria e revisão crítica do manuscrito.

**Sílvia Maria Agatti Lüdorf:** Administração do projeto, supervisão do trabalho, assessoria e revisão crítica do manuscrito.

## FINANCIAMENTO

O trabalho contou com apoio financeiro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## ÉTICA DE PESQUISA

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa (CEP) do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (IESC/UFRJ). Processo n°. 26/2011, respaldado pelo parecer 107/2011.

## COMO REFERENCIAR

BAPTISTA, Guilherme Gonçalves; SILVA, Gustavo da Motta; LÜDORF, Sílvia Maria Agatti. Olhares docentes sobre a formação em Educação Física nos anos 1970-1980. **Movimento**, v. 30, p. e30038, jan./dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.136530>

## RESPONSABILIDADE EDITORIAL

Alex Branco Fraga\*, André Luiz dos Santos Silva\*, Elisandro Schultz Wittizorecki\*, Mauro Myskiw\*, Raquel da Silveira\*

\*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre, RS, Brasil.